

Violência: um discurso que a mídia cala

Mauro de Lima Vaz (BIC-UCS), Marlene Branca Sólido (orientadora) – mlvaz@ucs.br

O trabalho analisa o tratamento dado pela mídia impressa (Pioneiro, Correio do Povo e Folha de São Paulo) à violência urbana, com ênfase em homicídios, abuso sexual e seqüestro, mas sem ignorar as demais manifestações do fenômeno. A pesquisa aprofunda investigação desenvolvida pela Diocese de Caxias do Sul, de caráter estatístico, que tabulou 5.370 registros do jornal ZH e 2.067 registros do Pioneiro (relatório publicado em 2005). O discurso midiático, no que diz respeito à violência, parece adotar um simplismo exagerado no registro dos episódios. Percebemos falta da relação entre o fato descrito e o contexto a que está ligado. Entendemos que o discurso midiático encobre aspectos da tessitura das relações sociais e da própria circulação/potencialização da violência. Pela análise dos discursos editoriais e gráficos dos jornais, analisaremos como e se a imprensa cria um discurso que oculta aspectos ideológicos e de relações de poder e como se dá a criação de estereótipos. Tentaremos, também, com a pesquisa, buscar caminhos para a reconfiguração da relação imprensa/sociedade/Estado/iniciativa privada, na construção de um discurso voltado aos reais interesses/necessidades comunitários. O método de pesquisa é a Dialética Histórico-Estrutural (DHE), que os permite investigar questões culturais e ideológicas em uma contextualização histórica. A DHE define com clareza os contornos do objeto de estudo (cobertura policial de ZH, CP, Pioneiro e Folha). A técnica que empregaremos será Análise do Discurso (AD). Na AD evidenciamos Althusser (ideologia), destacando as noções de Aparelhos Ideológicos de Estado e Aparelhos Repressivos de Estado (AIE/ARE); Foucault – poder, nesse caso intimamente relacionado à violência; em Barthes embasamos a categoria de cultura. A noção de jornalismo é abordada a partir de Traquina. Usamos, ainda, pressupostos de Bakhtin ao pensar as questões relacionadas à polifonia. Ao estudar as questões afetadas à noção de estereótipo, recorreremos a Pêcheux. Os resultados da pesquisa ainda não são conclusivos, mas, análise feita até aqui confirma nossa hipótese e percebemos que a mídia tende a estereotipar o jovem como criminoso, enfatizando, essa condição, mesmo em situações em que o pretense criminoso é um adulto. Percebemos também, que em situações nas quais empresas/figuras proeminentes da política comentem crimes e é acionada pela justiça, a mídia desloca o tema da editoria de polícia para outras como geral, política e mesmo economia.

Palavras-chave: violência, jornalismo, estereótipo.

Apoio: UCS.